

A PEDAGOGIA COMO POSSIBILIDADE DE ESCLARECIMENTO (*AUFKLÄRUNG*) NA PERSPECTIVA KANTIANA

LA PEDAGOGIA COME POSSIBILITÀ DI CHIARIMENTO (*AUFKLÄRUNG*) NELLA PROSPETTIVA KANTIANA

Wilmar Adriel Wolff Rodrigues¹

RESUMO: O presente artigo trata do conceito de esclarecimento (*Aufklärung*) a partir da visão kantiana. Immanuel Kant, filósofo do leste da Prússia, destaca que as pessoas vivem em uma época em que não são esclarecidas, mas estão constantemente no processo de esclarecimento, ou seja, o processo de autonomia. O sujeito que possui autonomia se guia pela sua própria lei e não pelas leis formuladas por outros, sendo essa uma heteronomia. Ser esclarecido é justamente ser livre da tutela do outro, o que motiva o grande lema da filosofia do esclarecimento de Kant: *Sapere aude!* (ouse saber). O homem deve ter coragem de se libertar da tutela alheia, para fazer uso de seu próprio entendimento. Para chegar a essa autonomia ele formula uma Pedagogia, que surge fundamentalmente como uma possibilidade de esclarecimento espiritual. Tal pedagogia é constituída por dois momentos: a educação física, sendo a responsável pelo bom desenvolvimento físico e cognitivo do homem; e a educação prática ou moral, sendo essa a mais importante. A partir de um processo de moralização dado pela educação prática, o homem começa a agir de acordo com o seu dever moral, agindo pela lei, em outras palavras, ele age moralmente, tornando-se um sujeito autônomo, capaz de se autolegislar. O método empreendido nesta pesquisa foi o descritivo-explicativo, a partir da análise biográfica das obras relacionadas ao tema, por exemplo, as obras *Sobre a Pedagogia* e *Resposta à pergunta: Que é esclarecimento (Aufklärung)?* de Kant.

PALAVRAS-CHAVE: Autonomia. Educação moral. Esclarecimento. Kant. Pedagogia.

RIASSUNTO: Il presente articolo tratta del concetto di chiarimento (*Aufklärung*) a partire della visione Kantiana. Immanuel Kant, filosofo della Prussia orientale, sottolinea che le persone vivono in un'epoca in cui non sono illuminate, ma sono costantemente nel processo di illuminazione, cioè nel processo di autonomia. Il soggetto che ha autonomia è guidato dalla propria legge e non dalle leggi formulate da altri, che è l'eteronomia. Essere illuminato è precisamente essere libero dalla tutela dell'altro, che motiva il grande motto della filosofia illuminista di Kant: *Sapere aude!* (osa sapere). L'uomo deve avere il coraggio di liberarsi dalla tutela degli altri, di avvalersi della propria comprensione. Per raggiungere questa autonomia, formula una pedagogia, che appare fondamentalmente come una possibilità di chiarificazione spirituale. Tale pedagogia si compone di due fasi: l'educazione fisica, che è responsabile del buon sviluppo fisico e cognitivo dell'uomo e l'educazione pratica o morale, essendo questa la più importante. Da un processo di moralizzazione dato dall'educazione pratica, l'uomo comincia ad agire secondo il suo dovere morale, agendo per legge, cioè agisce moralmente, divenendo soggetto autonomo, capace di autolegislazione. Il metodo utilizzato in questa ricerca è stato quello descrittivo-esplicativo, basato sull'analisi biografica di opere legate al tema, ad esempio, *Sobre a Pedagogia* e *Resposta à pergunta: Que é esclarecimento (Aufklärung)?* di Kant.

PAROLE CHIAVE: Autonomia. Educazione morale. Chiarimento. Kant. Pedagogia.

INTRODUÇÃO

Immanuel Kant (1724-1804) nasceu na cidade de Königsberg, atual Kaliningrado. Sua mãe era fiel da corrente protestante “pietismo”, a qual influenciou de forma direta na formação do jovem Kant. Após estudar em uma escola protestante, ingressa na universidade de Königsberg estudando ciência e filosofia. Ao longo de sua vida desenvolveu diversas obras, podendo ser distinguidas em duas fases: a fase pré-crítica e a fase crítica, a qual, ele publica suas três principais obras: *Crítica da Razão pura*; *Crítica da Razão Prática*; e *Crítica do Juízo*.

Na primeira obra ele trata do conhecimento, na segunda do agir e por fim ele estabelece uma ligação entre as duas anteriores. Partindo da sua segunda obra, observa-se a necessidade de um agir moral, o qual se guia fundamentalmente por um agir pela lei e não conforme a lei. O

¹ Bacharelando de Filosofia na Faculdade Vicentina de Curitiba-PR. Contato: wilmarrodrigueswolff@gmail.com

sujeito que age moralmente, torna-se um sujeito moral, logo um indivíduo autônomo. Mas para isso é necessário um processo pedagógico que leve o homem ao esclarecimento (*Aufklärung*), isto é, a sua autonomia. Portanto, surge aqui a Pedagogia como uma possibilidade de esclarecimento espiritual.

A proposta de uma pedagogia esclarecedora de Kant torna-se mais importante na medida em que ele propõe um modelo pedagógico, que leva o indivíduo à maioridade. Com isso, a própria Pedagogia ganha um papel filosófico, pois ela acaba sendo a responsável por tornar aquele ser não moral, em um ser esclarecido. Kant desenvolve todo um trabalho acerca dos processos que envolvem a criança desde o seu nascimento até a sua moralidade. Para o desenvolvimento dessa teoria do processo de esclarecimento Kant é influenciado diretamente pela obra *Emílio* de Rousseau. Tendo isso como perspectiva, terá como objetivo apresentar de que modo a Pedagogia atua como uma possibilidade de esclarecimento do homem.

1 PEDAGOGIA EM ROUSSEAU E KANT: ASPECTOS CONVERGENTES E DIVERGENTES

“Kant² representa o expoente máximo da produção filosófica da modernidade” (BARBOSA, 2019, p. 2). Dá impressionante contribuição ao campo da Epistemologia, da Lógica, da Antropologia, da Religião, mas ainda é muito pouco reconhecido pelo seu trabalho na educação. De acordo com Barbosa, “se a vocação primeira de Kant é à Filosofia, a segunda é ao ensino” (2019, p. 2).

Kant ingressa na Universidade aos 16 anos de idade, pois já tinha os conhecimentos de filosofia necessários. No mesmo período, em 1740, o rei da Prússia retira do exílio o filósofo dogmático Christian Wolff³, o qual deu apoio ao movimento conhecido como “*Aufklärung*” (esclarecimento). Partindo disso, Wood afirma que “A luta entre wolffianos e pietistas⁴ nas universidades e na vida intelectual em geral foi decisiva para o desenvolvimento intelectual no qual viveu Kant.” (2008, p. 21).

2 Kant nasceu em 22 de abril de 1724 em Königsberg, leste da Prússia, um porto localizado onde o Rio Pregel escoia no Mar Báltico. [...] Depois da guerra, a cidade sofreu uma faxina ética de sua população germânica e foi renomeada como Kaliningrado (por um completo e odioso fiel stalinista) e tornou-se o que ela ainda é, um posto avançado da cultura russa a oeste. (WOOD, 2008, p. 19) Seu pai, João Jorge, era seleiro, e a mãe Regina Reuter, era dona de casa. Mas é sobretudo a mãe que predomina na lembrança de Kant. [...] A marca da mãe, porém, fez-se sentir principalmente na educação religiosa. Regina Reuter não apenas criou o filho no rigorismo próprio do pietismo (uma corrente radical do protestantismo), mas quis também que sua formação escolar fosse marcada nesse sentido: por isso, matriculou Immanuel no Collegium Friedericianum, dirigido por um pastor pietista. [...] Em 1740 Kant matriculou-se na universidade de sua cidade natal, onde frequentou os cursos de ciência e filosofia, terminando seus estudos em 1747. [...] Em 1755, conseguiu o doutorado e a docência universitária, ingressando na Universidade de Königsberg, na qualidade de livre-docência. [...] Ensinou como livre-docente até 1770, ano em que venceu o concurso para professor efetivo.” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 347-348)

3 Principal discípulo e intérprete de Leibniz. Wolff foi sobretudo um matemático, mas foi reconhecido como filósofo sistemático, defendendo que todas as doutrinas necessárias da metafísica podem ser derivadas a partir do princípio da razão suficiente e do princípio de identidade. (BLACKBURN, 1997, p. 411-412)

4 Adeptos a corrente radical do protestantismo: pietismo. O Pietismo foi a reação contra a ortodoxia protestante que ocorreu no Norte da Europa, especialmente na Alemanha, na segunda metade do século XVII. [...] O Pietismo pretendia voltar às teses originais da reforma protestante [...]. (ABBAGNANO, 1998, p. 763).

Ao que se refere aos campos da Pedagogia, Ética e Antropologia, seu maior influenciador foi o filósofo francês Jean Jacques Rousseau. Kant já havia um pensamento sobre esses assuntos, porém, de acordo com Wood, “Seu pensamento sobre ética” – e também Pedagogia e Antropologia – “foi drasticamente modificado [...] pela sua familiaridade com os escritos recém-publicados de Jean-Jacques Rousseau: *o Emílio ou da educação* e *O contrato social*” (WOOD, 2008, p. 24). Para ele,

Essas convicções agora tomaram a forma mais racionalista da visão de Rousseau dos seres humanos, livres e iguais por natureza, os quais se encontram em um mundo social não-livre, onde os pobres e os fracos são oprimidos pelos ricos e poderosos. Logo, Kant começava definindo sua própria posição ética pela ênfase na soberania da razão. (WOOD, 2008, p. 24)

1.1 PONTOS CONVERGENTES ENTRE A PEDAGOGIA DE ROUSSEAU E A DE KANT

Na obra *Emílio*, Rousseau não pretende realizar um tratado de educação e tão pouco apoiar uma educação criadora do homem. Pelo contrário, ele propõe uma educação da natureza, para que assim o homem possa se construir por si mesmo, partindo de seus próprios estímulos.⁵ Segundo ele, “O desenvolvimento interno de nossas faculdades e órgãos é a educação da natureza;”. A partir dessa ideia, se torna presente o conceito de uma “educação negativa” proposta por Rousseau, em que ele afirma que tal homem que se forma assim é um ser raro, porém, “O que temos de fazer para formar esse homem raro? Muito, certamente; é preciso impedir que nada seja feito” (ROUSSEAU, 2017, p. 46).

No entanto, essa educação negativa propõe uma existência egoísta, o que se faz necessária a troca dessa educação por uma progressiva, pois, de acordo com Rousseau,

É neste segundo grau que começa propriamente a vida do indivíduo, quando então adquire consciência de si mesmo. A memória estende o sentimento da identidade a todos os momentos de sua existência; ele se torna verdadeiramente um, o mesmo, e consequentemente já capaz de felicidade ou de miséria. É, pois, importante começar a considerá-lo aqui um ser moral. (2017, p. 89)

Esses vários elementos presentes na filosofia rousseauiana, podem ser encontrados presentes na pedagogia kantiana. Molinari apresenta alguns aspectos sobre a pedagogia desenvolvida por Kant que podem ser comparados com os escritos de Rousseau. Molinari afirma que:

Para Kant a pedagogia se sempre mostrou como algo que vai além de um viés prático e metodológico, revelando-se então como algo a ser pensado sobre o prisma da filosofia. A pedagogia torna-se objeto filosófico principalmente quando se percebe que o sujeito não nasce moral, mas sim se torna moral pela educação. (2013, p. 97).

5 ROUSSEAU, J. J.. *Emílio, ou, Da educação*. Tradução, introdução e notas de Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017. 559 p

Kant coloca o homem em uma disposição especial em relação aos outros animais. Logo no início de sua obra *Sobre a Pedagogia*, afirma que “O homem é a única criatura que tem de ser educada.” Sendo que, a educação compreende os cuidados naturais, a disciplina e instrução que circunstancia a formação do sujeito (2012, p. 9). O homem é o único ser que possui razão, mas a mesma não é dada como algo pronto, portanto, surge a necessidade da educação, uma educação sempre no sentido progressista, ou seja, como um progresso e não uma condição (MULINARI, 2013, p. 98). Para Pinheiro,

A afirmação de que a razão é um dom dado ao homem pela natureza encontra sua explicação quando Kant faz-nos ver que a natureza dotou o homem com um tipo especial de disposição, não encontrada em nenhum outro animal. [...] Segundo como podemos perceber na sequência das afirmações de *Sobre a pedagogia*, a razão cumpre a tarefa de diferenciar o homem dos outros seres; entretanto, ela não vem acabada, pronta. É necessário um longo caminho para que a razão possa cumprir a totalidade de sua tarefa. Por isso, a educação ocupa um espaço tão importante em toda a Filosofia de Kant, já que o mais importante fator diferencial do homem, a razão, necessita de um processo educacional para o seu desenvolvimento. (2007, p. 33)

Diante disso, destaca-se que o objetivo da educação proposta por Kant é fazer com que o sujeito humano saia do seu estado de menoridade e caminhe em direção ao esclarecimento (*aufklärung*) (BARBOSA, 2019, p. 2). No entanto, para se ter tal passagem da menoridade ao esclarecimento, Kant propõe uma educação muito semelhante à educação da natureza de Rousseau, a qual, ele chamará de “educação física”. Essa educação remete a educação de cuidados (*wartung*) e disciplina (*disciplin*). Kant afirma que “[...] a primeira educação deverá ser meramente negativa, quer dizer, não é necessário acrescentar nada de novo, nem uma só coisa, a providencia da natureza, mas permitir apenas que a natureza não estorve.”⁶ (KANT, 2012, p. 32).

A partir disso, inicia-se a educação de cuidados, pois, se a primeira educação consiste em não interferir na natureza, o cuidado se refere, assim como Rousseau, em cuidar que nada seja feito para não alterar essa ordem natural (ROUSSEAU, 2017, p. 46). Se, por acaso, for feito o contrário, se correrá o risco de criar hábitos na criança. Ao que se referem aos hábitos, os dois pensadores irão ter pensamentos muito semelhantes, em que Rousseau afirma que “o único hábito que se deve deixar a criança adquirir é o de não contrair nenhum;” (ROUSSEAU, 2017, p. 72). E seguindo pela mesma linha, Kant afirma,

Quanto mais hábitos um homem tem, menos livre e independente é. Sucede ao homem o mesmo que a todos os outros animais: acaba por lhe ficar certo pendor para aquilo a que cedo se habituou. Deve-se impedir, por isso, que a criança contraia habitações; não se pode permitir que nasça nela uma habitação. (KANT, 2012, p. 37)

6 Nesse ponto, Kant se refere simplesmente a disciplina. As duas primeiras (cuidados e disciplina) são primordiais na vida da criança. Aos cuidados, como visto na afirmação de Kant, cabe os cuidados de subsistência e também o cuidado de não se interferir na natureza, sendo esse o ponto que passa para a disciplina. A disciplina “preserva o homem de se desviar, mediante os seus impulsos animais e de sua destinação” (KANT, 2012, p. 10).

Quando cria-se hábitos nas crianças privar-se-ia elas de sua liberdade. Elas vão querer realizar suas atividades como: comer, dormir ou agir sempre nas mesmas horas de acordo com os hábitos impostos a elas e não com os seus próprios horários, como seria o mais correto (ROUSSEAU, 2017, p. 72).

1.2 PONTOS DIVERGENTES ENTRE A PEDAGOGIA DE ROUSSEAU E A DE KANT

Foram apresentados os principais pontos em que Kant concorda com Rousseau, cabe agora colocar os pontos, em que Kant discorda dele. Rousseau apóia uma educação voltada em sua totalidade para a natureza. Kant, entretanto, acredita que o estado de natureza oferece um lugar ideal para a educação do sujeito em desenvolvimento, porém não para o progresso em sua totalidade. De acordo com Pinheiro (2007, p. 47),

Segundo Rousseau, o estado de natureza é um estado perfeito, em que não há paixões, vícios e discórdias. É um mundo onde se acham, verdadeiramente, a felicidade, a paz, a liberdade e a solidão. O estado de natureza representa um estado de inocência. [...] A situação na qual o homem se encontra, no estado de natureza, é tal que Rousseau afirma ser essa condição melhor. É melhor porque nessa condição, antes da sociedade, o homem ignora o peso das coações jurídicas, sociais e políticas.

48

Rousseau defende a ideia da existência de um amor de si mesmo e um amor-próprio. O primeiro se assemelha muito mais a um instinto natural do que algo civil propriamente dito. Já o segundo é um amor que nasce na sociedade. O amor de si mesmo é o sentimento que leva o homem e qualquer outro animal a “velar” pela sua própria conservação e esse bem guiado pela razão leva o homem à humanidade e à virtude. No amor próprio, presente somente no homem, faz que o indivíduo faça descaso do outro e valorize mais a si mesmo do que qualquer outro (Ibidem, p. 49).

Rousseau acredita que o homem nasce sem distinção, isto é, que todos são iguais e que todo poder jurídico é recíproco, ou seja, o que vale para um, vale igualmente para outro, portanto, aquilo que se postula a outro, vale igualmente àquele que postula. Essa compreensão leva a crer num homem independente, pois, se todos são iguais, uns não precisam dos outros (BOBBIO, 1997, p. 44). Se essa ideia fosse aplicada a teoria de Hobbes, por exemplo, ela não seria capaz de satisfazê-la, pois, Hobbes acredita que a independência do homem ocasionaria uma guerra de todos contra todos.

Essa ideia de Rousseau, como já mencionado, não será aceita por Kant, pelo contrário ele a critica. Conforme Pinheiro,

A posição de Kant, influenciado pela crítica a Rousseau, o leva a não aceitar a teoria do mito do “bom selvagem”. Ora, entrar nesse debate sem ao menos levar em conta que existem tendências animais, instintivas, que se mostram, desde o primeiro momento, como contrárias ao desenvolvimento das faculdades intelectuais do homem, contrárias à cultura, à educação, seria renunciar às leis da humanidade, às leis da razão. Em resumo,

seria virarmos as costas a uma certa legalidade pretendida e almejada por todo indivíduo desejoso de viver em sociedade. Para Kant é mais fácil aceitar que a condição do homem, no estado selvagem, é a de uma situação como a descrita por Hobbes, em que há uma guerra perpétua de todos contra todos. [...] O processo de educação em Kant é um constante desafio de progresso. Ficar imobilizado no âmbito da animalidade é renunciar ao chamado próprio do homem. (2007, p. 50-51)

Justamente por isso, Kant defende que a criança deve ser submetida à disciplina, para que assim ela saia desse estado de selvageria e comece a progredir no caminho ao seu esclarecimento. A disciplina é o primeiro momento do processo de educação. Partindo disso, Kant afirma que, diante dos impulsos animais o homem corre o risco de desviar-se de sua destinação, mas para que isso não ocorra surge a disciplina que o preserva da animalidade, impedindo que a humanidade do indivíduo seja prejudicada, ou seja, ela é uma mera doma da condição selvagem (2012, p. 10-19).

A partir daqui, tem-se o primeiro processo para a educação proposta por Kant. Todo o processo pedagógico de Kant percorrerá os caminhos de uma educação física e em seguida uma educação prática que leva ao esclarecimento (Ibidem, p. 27). Nota-se que o pensamento de Rousseau se faz presente ao longo de todo o seu trabalho basta “estar atentos para as objeções e reservas que Kant faz a certos aspectos da pedagogia proposta por Rousseau no *Emílio*” (PINHEIRO, 2007, p. 46).

2 EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADE DE ROMPIMENTO COM A NATUREZA

A pedagogia para Kant tem como objetivo levar o homem em “direção ao seu fim último, que é sua ideia de perfeição.” (Ibidem, p. 15). A educação, segundo a concepção de Kant, não é um método, desta forma ela consegue ser pensada sobre o “prisma da filosofia”. (MULINARI, 2013, p. 97). De acordo com Kant, “O homem é a única criatura que tem de ser educada” (2012, p. 9), pois é homem que sabe que sabe, o que nos revela um de seus dados antropológico, ou seja, a sua própria capacidade de aprender e simultaneamente ensinar (BARBOSA, 2019, p. 1).

A educação kantiana procura realizar a ligação entre a natureza e a moral, destacando “o papel da pedagogia para a obtenção da autonomia do indivíduo” (MULINARI, 2013, p. 97). Partindo disso, observa-se que somente pela educação, “baseada na disciplina e na coação será possível postularmos um indivíduo autônomo. Ou seja, a coação e a disciplina possibilitam a cada um fazer uso de sua própria razão, sem medo” (PINHEIRO, 2007, p. 16).

Mas o que seria em si essa autonomia do indivíduo? Em tese, seria a capacidade do sujeito de pensar por si próprio, isto é, não depender de outrem que pense por ele, e isso é propriamente a maior característica do homem esclarecido. Na sua pedagogia, Kant busca levar o homem ao esclarecimento (*Aufklärung*) máximo, ou seja, tornar-se um ser moral. No escrito *Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento?”*, Kant desenvolve todo um conceito do que é “esclarecimento”:

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele mesmo é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção

de outro indivíduo. O homem é o próprio culpa dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* (2010, p. 63)

Kant afirma que o homem é o culpado pela sua falta de esclarecimento, pois ele escolhe continuar vivendo no comodismo, devido a sua preguiça, assim como nos afirma Molinari ao dizer que Kant adverte sobre a preguiça e covardia como as duas causas principais para esse comodismo, o que faz com que eles não saiam do estado de menoridade (2013, p. 105). Por isso Kant coloca como lema de sua filosofia da educação: *Sapere aude!*⁷. De acordo com Brígido, “somos conduzidos a um vasto horizonte reflexivo diante do qual a exigência máxima consiste em ter coragem de fazer uso de seu próprio entendimento em todas as ocasiões: *sapere aude!*” (BRÍGIDO, 2017, p. 137). Deve-se ter a ousadia e a coragem para sair do estado de comodismo.⁸

No entanto, na obra *Sobre a Pedagogia*, Kant apresenta um caminho que rompe com a ligação que prende o homem no estado de natureza e que inicia um caminho moral, caminho esse que leva o sujeito para o esclarecimento (*Aufklärung*). De acordo com Dalbosco,

DESDE 1980

Suas ideias especificamente pedagógicas conduzem-nos à crença de que a educação só pode cumprir a tarefa de contribuir para o melhoramento humano na medida em que proporcionar o desenvolvimento e a utilização mais adequada das disposições naturais da criança. Contudo, para que a educação possa fazê-lo, precisa ser constituída por uma parte física (educação física) e outra prática (educação prática). (2011, p.101)

A primeira cuidará do desenvolvimento das disposições naturais da criança, isso no seu início, e ao final garantirá o rompimento da criança com o estado de selvageria. Deste modo, “abre-se a porta” para a educação moral, que conduzirá o homem ao seu esclarecimento. Kant afirma que “A educação física é aquela que o homem tem em comum com o animal, ou cuidado. A educação prática ou moral é aquela através da qual o homem deve ser formado, para que possa viver como um ser que age livremente” (2012, p. 27). Num primeiro momento, será dada ênfase à educação física, descrita por Kant em sua obra *Sobre a Pedagogia*.

2.1 ROMPIMENTO COM O ESTADO DE SELVAGERIA: INÍCIO DE UM CAMINHO MORAL

Nessa parte específica da obra *Sobre a Pedagogia*, Kant destaca o papel do cuidado com

7 *Sapere aude*: palavra latina que pode ser traduzida por “Ouse saber” ou “tenha coragem de saber”. Esse é o lema da pedagogia kantiana, pois Kant pede que tenha-se coragem de fazer uso de uma razão autônoma. (KANT, 2010, p. 63-64)

8 Pode-se estabelecer uma relação com os escritos presentes no Livro VII da *República* de Platão em que se afirma: “Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objectos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para objectos mais reais? E se ainda, mostrando-lhes cada um desse objectos que passavam, o fôrçassem a perguntar o que era? Não te parece que ele veria dificuldades e suporia que os objectos visto outrora eram mais reais do que os que agora do os que lhe mostravam? [...] Portanto, se alguém o fôrçassem a olhar para a própria luz. Doer-lhe-iam os olhos e voltar-se-ia, para buscar refúgio junto dos objectos para os quais podia olhar” (PLATÃO, 1949, p. 318-319) com isso se nota a dificuldade do homem de sair da caverna, ou seja, sair do seu estado cômodo, do mesmo modo, que se observa em Kant essa mesma dificuldade.

o homem, principalmente ao que se refere aos seus primeiros dias. Dá-se essa ênfase para que a criança possa se desenvolver e tornar-se saudável, do mesmo modo que Rodrigues menciona,

É no decorrer desta parte da obra *Sobre a Pedagogia*, que Kant trata de forma elucidante sobre o cuidado com o homem em sua infância (primeiros dias de vida). [...] O cuidado da educação aqui apresentado é uma canalização daquilo que por excelência ajudará no desenvolvimento humano da criança. Com esses cuidados físicos, fica claro para Kant, que a criança vai crescer de uma forma salutar, sem que ela esteja fragilizada por aquilo que ele considera como excesso de zelo, nem tão pouco ela se tornará dependente de artifícios que são prejudiciais assim, ao bom desenvolvimento intelectual e humano da criança. (2018, p. 25)

Nessa primeira parte se destaca a disciplina, responsável pelo desenvolvimento de todas as funções motoras do corpo humano e o início da separação da relação presente entre o homem e a natureza. Kant sabe da dificuldade do ingresso na época esclarecida, já que, segundo Dalbosco, “o ingresso da sociedade numa época esclarecida depende da coragem para pensar por conta própria, cujo impulso é obra de um incansável esforço formativo-educacional.” (2011, p. 80). Kant deseja uma educação progressista, ou seja, que evolua e não fique somente no estado de natureza, para tanto, se necessita da coragem de usar o próprio entendimento.

Cabe a educação proporcionar ao homem, pela disciplina, o preparo para compreender as regras e por meio desse mesmo preparo criar no indivíduo a capacidade de fazer uso de sua razão para que, seja capaz de formular suas próprias leis autônomas⁹. Enfim, Pinheiro afirma que:

Essa primeira etapa do processo de educação é justamente a que busca apenas disciplinar o físico, para tornar possível no futuro, a moral. Justamente sobre essa educação física, educação da natureza, formar-se-ão o espírito e a capacidade de julgamento de uma criança. (2007, p. 77)

Dentro dessa mesma educação física, Pinheiro apresenta uma divisão: educação do corpo; educação intelectual; e a educação cultural. A primeira garante o fortalecimento do corpo, sendo essa meramente negativa. A segunda é o desenvolvimento da inteligência da criança. E por fim, a última que marca o rompimento total da natureza, abrindo as portas para o início da educação moral (PINHEIRO, 2007, p. 79).

2.1.1 Educação do corpo

Antes da moralidade deve vir a experiência, por isso a necessidade da educação física, mais especificamente o desenvolvimento da saúde e capacidades da criança, bem como o seu bom desenvolvimento físico. Nesse primeiro momento da educação física se dá o grande início do

9 “Ora a formação moral que vise à adoção do ponto de vista da humanidade como fim só é possível pela condição autolegisadora do sujeito, pois é ela que, antes de tudo, lhe impede de escapar da consciência de sua condição frágil. De outra parte, é a condição autolegisadora que, associada à capacidade eminentemente humana de iniciar por si mesma um novo estado, está na base da *Aufklärung* como maioridade pedagógica. Ou seja, a autolegislação é um longo processo formativo, que deve iniciar já na infância, período no qual a criança precisa ser educada a viver mediante pequenas regras, para, quando adulta, sentir-se livremente obrigada à lei moral” (DALBOSCO, 2011, p. 77)

“progresso de cada indivíduo” (PINHEIRO, 2007, p. 79). Nesse espaço vemos o caráter negativo da educação, ou melhor, uma educação que nada se deve fazer. Segundo Kant, “É de se notar em geral que a primeira educação deverá ser meramente negativa, quer dizer, não é necessário acrescentar nada de novo, nem uma só coisa, à providência da natureza, mas permitir apenas que a natureza não estorve.”. (2012, p. 32). O que se deve fazer é cuidar para que nada comprometa o bom desenvolvimento da criança. Pinheiro afirma o seguinte,

Seguir a natureza não significa abandonar a criança à sua própria sorte, mas tirar da natureza suas melhores lições, não a seguindo cegamente. O caráter negativo diz respeito às precauções e aos cuidados que devem ser observados para o não-comprometimento da criança com problemas maiores. Deve-se saber aproveitar os desafios da natureza para ensinar. (2007, p. 80)

Portanto, deve-se apenas cuidar para que se possa ter o bom desenvolvimento da criança. Os pais, ou os tutores das crianças devem cuidar para que não seja inserido nelas hábitos e estímulos, pois de acordo com Kant (2012, p. 37), “Quanto mais hábitos um homem tem, menos livre e independente é [...] por lhe ficar um certo pendor para aquilo a que se habituou.”. Ainda nesse mesmo campo de alerta, não deve ser usado nenhum tipo de estímulo que tenha como objetivo, abrir o apetite da criança, o balanço para parar de chorar (RODRIGUES, 2018, p. 26). Futuramente isso gerará atos repetitivos e sem reflexão alguma. E essas ações sem reflexões aproximam a criança, depois enquanto adulta aos próprios animais, dificultando a sua saída da menoridade. A educação do corpo possibilita a criança à compreensão que ela age sobre leis, que possuem como *télos*¹⁰: a inteira destinação do homem e ao bom uso da razão (PINHEIRO, 2007, p. 85).

2.1.2 Educação intelectual

A educação intelectual se refere propriamente à metade da educação física, em outras palavras, a sua segunda divisão. Aqui encontra-se a progressão do homem em relação à natureza. Pinheiro destaca que “A educação intelectual, conforme encontramos definida por Kant, não é apenas uma acumulação de conhecimentos, mas uma formação que leva o homem a progredir em direção ao desenvolvimento de sua capacidade de pensar autonomamente” (2007, p. 86).

Para o bom desenvolvimento do intelecto, Kant reconhece a necessidade de jogos, brincadeiras e trabalho. Para ele, “É da maior importância que as crianças aprendam a trabalhar. O homem é o único animal que tem de trabalhar. Somente depois de muitos preparativos chega o homem ao estado de poder fruir de algo para seu sustento” (2012, p. 47). No processo inteiro da educação, o trabalho representa, de maneira mais clara a saída do homem de sua situação selvagem, pois sua natureza animal é afastada pelo trabalho.

¹⁰ “Uma explicação teleológica é aquela que expressa em termos de fins últimos.” (CAYGILL, 2000, p. 303).

2.1.3 Educação cultural

A educação cultural representa a parte positiva da educação física. Aqui tem-se uma cultura da alma e não uma cultura prática. A primeira se refere à cultura física enquanto a segunda uma cultura moral. Será essa educação que proporcionará ao homem o acesso às leis morais. Uma análise da cultura, mais precisamente da cultura do julgamento e da cultura moral, percebe que a atividade do aluno, baseada na capacidade de discernimento, de lucidez e de responsabilidade, leva a uma obediência da lei moral (PINHEIRO, 2007, p. 94).

Com esse terceiro momento firma-se a superioridade da razão sobre a animalidade, já que se começa a preparar na criança a faculdade de julgar e o gosto pelas ideias. Agora as crianças devem conhecer aquilo que a elas é proibido e também as máximas da liberdade, já que, isso proporcionará à criança a inclinação à obediência e a seguir e assumir as leis conforme a capacidade de seu caráter. Contudo, faz-se necessário que a educação passe por esse período de cultura, agora já uma cultura moral e não mais física.

Na cultura moral se abandona a disciplina e apóia-se em máximas, conforme aponta Kant: “A cultura moral tem de se fundar em máximas, não na disciplina. Esta impede a falta de educação, aquela forma o modo de pensar. Tem de se velar para que a criança se habitue a agir segundo máximas e não segundo certos móveis.” (2012, p. 56). Por fim, pode-se afirmar que “a cultura, o progresso e a história têm como causa a cisão entre o instinto e a razão, o que serve para confirmar que ‘encontramos em nosso ânimo uma superioridade sobre a própria natureza em sua incomensurabilidade’” (PINHEIRO, 2007, p. 96-97).

Para Dalbosco (2011, p. 113),

Não há dúvida, assim acredita Kant, [...] de que o ser humano que fora capaz na infância de fortalecer adequadamente seu corpo e refinar seus sentidos está em melhores condições de desenvolver sua inteligência e, considerando as provações e a rigidez do caráter físico, imposto pela dureza leal da natureza, também esta em melhores condições de formar moralmente seu caráter.

Com a afirmação acima, nota-se a necessidade de uma educação em que predomina mais a experiência do que a razão. É a experiência que fortalece adequadamente o corpo humano. Aquele que está em melhores condições físicas consegue se abrir para a cultura moral, que desvincula num todo o homem de seu estado de animalidade, abrindo as portas para a educação moral, ou processo de moralização, que levará o indivíduo a sua liberdade e autonomia, ao seu esclarecimento.

3 EDUCAÇÃO MORAL: POSSIBILIDADE DE ESCLARECIMENTO

Para Kant, a união da liberdade e moralidade são dois princípios que não podem ser vistos como separados, mas sim como algo indissociável. Segundo Dalbosco (2013, p. 62), ele viu na

liberdade a pedra de toque da racionalidade, junto com a sua relação com a moralidade, ou seja, a peça chave para pensar no nexo existente entre o esclarecimento e a moralidade. Desta forma, torna-se impossível, para Kant, ter a liberdade separada da moralidade, já que o sujeito livre é um sujeito moral, em outras palavras, um sujeito autônomo.

O sujeito autônomo, é aquele que através do processo do esclarecimento, consegue ditar suas próprias leis que serão suas máximas universais. O princípio da moralidade é a autonomia e “A lei desta autonomia, contudo, é a lei moral: esta lei é, portanto, a lei fundamental de uma natureza supracensível e de um mundo puro do entendimento, cuja cópia deve existir num mundo sensível” (KANT, 2019, p. 57).

A frase mais citada de Kant é referente à lei moral que, afirma o seguinte: “Duas coisas enchem o espírito de uma admiração e de uma veneração sempre novas e sempre crescentes, na medida da frequência e da perseverança com a qual a reflexão a elas se apegam: *o céu estrelado acima de mim e a lei moral em mim.*” (2019, p. 187, grifo do autor). A lei moral, portanto, não é algo externo ao ser humano, porém algo interno e, da mesma forma que à noite, estão as estrelas no céu, no ser racional está presente a lei moral. O dever moral é a relação que se dá entre o “eu consigo mesmo”.

Kant (2012, p. 68) diz:

Para alicerçar o caráter moral nas crianças, temos de observar o seguinte: tem de se lhes apresentar os deveres que têm de cumprir, tanto quanto possível, através de exemplos e preceitos. É que os deveres que a criança tem de cumprir são apenas deveres habituais para consigo e para com os outros. Estes deveres têm de ser traçados pela natureza das coisas.

A conquista dessa autonomia é uma missão difícil, entretanto, existe o processo pedagógico como uma possibilidade de esclarecimento. Tal processo constitui-se pela parte física, trabalhada no tópico anterior, e a parte prática. Dentro da educação prática três momentos são importantes: a aptidão; prudência; e a moralidade. Em relação à primeira, ela deve ser fixa, tendo que ter o cuidado de não ser algo momentâneo, e essa aptidão é necessária, pois não tem como aparentar conhecimentos de coisas que ainda não se é capaz de pensar. Quando é alcançada certa aptidão, torna-se possível aplicá-la entre os homens, a partir da prudência, para a realização dos próprios propósitos, sendo esse o segundo momento. (KANT, 2012, p. 65).

O terceiro momento trata da moralidade, sendo esse em que o sujeito torna-se em si um sujeito moral, ou seja, esclarecido. Kant menciona que:

A moralidade diz respeito ao caráter. [...] Se se quer formar um bom caráter, só tem de se eliminar as paixões¹¹. O homem tem de se habituar às suas inclinações de tal modo que elas não se tornem paixões, tem antes de aprender a passar sem aquilo que lhe é recusado.

11 “Kant descreve as paixões como as incuráveis ‘chagas cancerosas para a razão prática pura’, as quais ‘pressupõe uma máxima do sujeito, a saber, a agir de acordo com uma finalidade prescrita... pela inclinação’. [...] A paixão sucede ao desenvolvimento de uma inclinação como renúncia do sujeito ao domínio sobre si mesmo e elevação do objeto de inclinação ao status de objeto de uma máxima da vontade.” (CAYGILL, 2000, p. 250)

(2012, p. 66)

Kant compreende a educação como algo processual, em outras palavras, como um processo, em que, um elemento sucede a outro. Portanto, durante o processo de moralização o sujeito passa por esses três momentos, sendo que, sem eles não seria possível alcançar o entendimento máximo. O último dos três processos está ligado fundamentalmente com o agir, ou seja, o agir moral. O homem tem o dever moral de se desvincular de suas paixões. Diante do dever moral, surge a “boa vontade”, que segundo Bobbio “Por ‘boa vontade’ Kant entende aquela vontade que não está determinada por atitude alguma e por cálculo interessado algum, mas somente pelo respeito ao dever.” (1997, p. 53). Diante disso, se o sujeito é livre, então possui uma vontade, e tendo a racionalidade como um dos fundamentos da moral, esse sujeito consegue dirigir essa vontade para ser boa.

Von Zuben comenta que:

A verdadeira função da faculdade da razão é produzir uma vontade boa, não como meio para um propósito, mas “boa” em si mesma como fim em si. Isto não significa que a vontade seja todo o bem, mas que é a condição suprema de todo bem. O agir deverá estar sempre fundado na boa vontade, para ser um agir realizador do bem, porém, a compreensão de como seja a forma deste agir dependerá da compreensão do conceito de “dever” como implicado no de boa vontade. (2016, p. 98)

O homem, portanto, deve agir “pela lei” e não “conforme a lei”, pois aquele que age conforme a lei está agindo de acordo com a lei do outro, ou seja, está diante de uma heteronomia. De acordo com Barbosa, “o homem deve agir moralmente não porque a lei externa a ele o obriga, lei esta que pode ser ditada por vários ‘outros’, como a sociedade, a igreja, a escola, mas porque é seu o dever, como homem esclarecido, proceder retamente, visto que a lei está dentro dele mesmo.” (2018, p. 14). O agir moral não implica em um interesse, isto é, se for feito algo, então se ganhará algo, ou melhor, “se todos cumprirem a lei, então ninguém será preso”. Esse tipo de agir é chamado de agir jurídico e não agir moral. Conforme Kant,

Falta às nossas escolas, quase sem exceção, algo que fomentaria muito a formação das crianças para a integridade, nomeadamente um catecismo do direito. Este deveria conter nomeadamente casos populares que sucedem na vida comum e nos quais se levanta sem querer a questão do saber se algo será ou não justo. Por exemplo, se b alguém que deve pagar hoje ao seu credor for tocado pela visão de um indigente e lhe entregar a soma em dívida, e que deveria pagar: isso é justo ou não? Não! É injusto, pois tenho de ser livre, se quiser ser beneficente. (2012, p. 70)

O sujeito dá o dinheiro ao indigente, mas não pela sua liberdade, mas porque algo ou alguém o afirma que, se for feito aquilo, então ele ganhará algo em troca. Isto não significa que o indivíduo não esteja sendo livre, mas que a sua liberdade está limitada por seus interesses, ou seja, não é uma liberdade pura. A ação para ser moral deve ser livre e pautada no dever moral. Para Bobbio, quando se age de determinada forma, simplesmente pelo dever, está se cumprindo uma

ação moral, mas quando o interesse é conformar-se com a lei, então se está agindo segundo a lei, em vista de um interesse correspondente a própria inclinação do agente. No segundo caso a lei não é moral, mas legal (1997, p. 54-55).

A ação moral corresponde simultaneamente à lei moral e essa à autonomia. Com o processo pedagógico proposto por Kant, torna-se possível o desenvolvimento da razão e, portanto, uma razão autônoma. A partir disso, o fundamento da moral é a própria razão. Brígido afirma que:

O que Kant está defendendo é que com o uso da razão autônoma o fundamento da moral se torna a própria razão, de tal modo que os valores, as normas, as regras e os princípios ditados externamente perdem seu poder de direção e coação, uma vez que o sujeito se torna responsável e capaz de guiar sua vontade prática mediante um postulado universal que encontra na racionalidade humana a sua essência, a sua matéria verdadeira e a sua própria justificativa. Dito de modo mais claro, a razão autolegislativa é capaz de impor deveres perfeitos que deverão ser cumpridos pelo agente da ação uma vez que esses deveres possuem um valor universal, sendo bons em si mesmos. (2017, p. 140)

O sujeito esclarecido vive dessa forma, uma vez que, não necessita buscar nas coisas exteriores razões para suas ações, nem em deveres externos, ou melhor, os deveres jurídicos. Ele simplesmente sabe o que deve fazer, já que pauta-se somente na consulta de seu próprio entendimento esclarecido. A moralização é algo difícil, uma vez que, para se alcançar a moralidade, as ações morais devem ser perfeitas, ou seja, todas regradas nos elementos apresentados. O agir moral deve ser responsável, mas para isso deve simultaneamente ser livre. Surge como uma consequência o imperativo categórico¹², propriamente interno e parte do agir, pois se é livre e racional, na moralidade.

Para Von Zuben (2016, p. 103),

Um imperativo é um mandado que pode ser condicionado ou não. No primeiro caso é um imperativo hipotético e no segundo, um imperativo categórico. No imperativo hipotético a ação é boa somente como meio para algum outro propósito. Mas se a ação é boa em si mesma, se é necessária conformidade da vontade com a razão, então o imperativo não é condicionado, quando tem a forma de imperativo categórico. Apenas esta forma atende à lei moral.

O agir humano, porém, torna-se imperfeito a partir do momento que se percebe o dever moral como um dever, tem-se aí um sinal de imperfeição. O esclarecimento é o resultado do desenvolvimento moral do homem, a partir de um processo pedagógico tendo a pedagogia como uma possibilidade de esclarecimento do espírito humano. Portanto, tem-se que, a partir de um processo pedagógico, o homem inicia um desenvolvimento moral que o levará ao processo de esclarecimento, ou seja, ao avanço de sua capacidade autolegislativa (BARBOSA, 2018, p. 15).

Contudo, Kant iniciou seus trabalhos a partir da visão da sociedade de sua época, uma

12 Para Kant, “A necessidade de provar a existência do imperativo conduziu primeiro à busca da lei que ordena absolutamente e depois a ‘algo cuja existência em si mesma tenha um valor absoluto e que, como fim em si mesmo tenha um valor absoluto e que, como fim em si mesmo, possa ser o fundamento de determinadas leis’. Isso formaria a base da lei prática e do imperativo categórico.”. Segundo ele, o imperativo categórico é o cânone pelo qual julgamos moralmente nossas ações. (CAYGILL, 2000, p. 193).

sociedade não esclarecida, mas sim do esclarecimento. O esclarecimento é algo contínuo, não encerrando apenas em uma época, mas sim se alongando pelos vários períodos da história. Segundo Kant,

Se for feita a pergunta: ‘vivemos agora em uma época esclarecida (*aufgeklärt*)’?, a resposta será: ‘não, vivemos em uma época de esclarecimento (*Aufklärung*). Falta ainda muito para que os homens, nas condições atuais, tomados em conjunto, estejam já numa situação, ou possam ser colocados nela, na qual em matéria religiosa sejam capazes de fazer uso seguro e bom de seu próprio entendimento sem serem dirigidos por outrem. (2010, p. 69)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo pedagógico kantiano possui como objetivo remover o homem de sua menoridade, na qual ele se encontra, mas simultaneamente ele mesmo é o culpado, por sua preguiça e covardia. A partir disso, surge o lema da filosofia do esclarecimento kantiano: *Sapere aude*, “ouse saber”, que motiva o sujeito menor a abandonar esse estado em que se encontra tutelado por outros, para adentrar em sua própria razão, isto é, tornar-se capaz de utilizar de sua própria capacidade intelectual como guia de sua vontade.

Essa saída da menoridade define o esclarecimento. O ser esclarecido abandona a tutela e não age conforme a lei do outro. Deste modo, ele deixa de viver heteronomamente, para ser um sujeito versado de autonomia, portanto, capaz de se autolegislar. O ser autônomo é aquele que age moralmente, mas para isso deve possuir liberdade, pois sem a mesma torna-se impossível o processo de esclarecimento. O ponto guia é o imperativo categórico, ou seja, a liberdade na decisão. A liberdade provém da razão e ser livre no nível cognitivo implica também no seguimento da “boa vontade”.

O esclarecimento por ser um processo contínuo deve iniciar já na infância do homem, para que não se forme hábitos e para que o mesmo tenha um bom desenvolvimento físico. Diante disso, Kant propõe duas fases essenciais para esse processo: a primeira refere-se fundamentalmente a educação física, visando o desenvolvimento físico da criança, pois se ela estiver bem desenvolvida fisicamente, as chances de se desenvolver intelectualmente são maiores; após vem a fase mais importante a educação moral, a qual é a responsável pela saída do homem de seu estado de menoridade.

Contudo, o esclarecimento é um constante processo que somente é possível através da liberdade garantida pelo estado civil. A pedagogia kantiana surge como uma possibilidade de início e caminho desse processo e justamente por ser algo processual, não existe um momento em que o ser é esclarecido. O esclarecimento não se dá entre uma geração, mas entre várias, pois através do processo pedagógico, sempre terá uma nova geração mais esclarecida, a partir da proposta de Kant. Ele mesmo afirma que ainda não se vive em uma época esclarecida, mas em uma época de esclarecimento.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N.. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 1014 p.
Dizionario di filosofia; tradução de Alfredo Bosi.

ANTISERI, D.; REALE, G. A “enciclopédia do saber” de Christian Wolff e suas influências sobre a cultura filosófica. In: _____. Tradução de Ivo Storniolo. **História da Filosofia: de spinoza a kant**. v. 2. São Paulo: Paulus, 2005. Cap. 15. p. 320-323.

_____. A vida, obra e os desenvolvimentos do pensamento de Kant. In: _____. Tradução de Ivo Storniolo. **História da Filosofia: de spinoza a kant**. v. 2. São Paulo: Paulus, 2005. Cap. 17. p. 347-351.

BARBOSA, R. R. A formação do sujeito moral, a partir de um processo pedagógico em Immanuel Kant. **Instituto Filosófico São José**, Campanha, p. 17. 2018.

BOBBIO, N. **Direito e Estado no Pensamento de Emanuel Kant**. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. p. 168.

BRÍGIDO, E. *et al.* Esclarecimento (Aufklärung): uma proposta kantiana. In: PEREIRA, A. L.. **Diálogos contemporâneos entre filosofia e educação**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. p. 137-149.

CAYGILL, H. **Dicionário Kant**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 353 p.

DALBOSCO, C. A. **Kant e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 127 p.

DALBOSCO, C. A.; EIDAM, H.. **Moralidade e educação em Immanuel Kant**. Ijuí: Unijuí, 2009. 240 p. (fronteiras da educação).

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Lisboa: 70, 2012. 80 p. Tradução de João Proença.

_____. **Textos Seletos**. 6. ed. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão; tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2010. 107 p.

_____. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (Aufklärung). In:

_____. **Textos Seletos**. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão; tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 63-71.

MULINARI, F. Considerações sobre a Pedagogia de Kant: uma educação para a autonomia.

Revista Helius, Espírito Santo, v. 1, n. 1, p. 95-114, jul-dez 2013.

PINHEIRO, C. M.. **Kant e a Educação**: reflexões filosóficas. Caxias do Sul: EducS, 2007. 164 p

PLATÃO. **A República**. 8. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. 513 p. Introdução e tradução de Maria Helena da Rocha Pereira.

RODRIGUES, E. G. **Educação e autonomia**: um diálogo entre Immanuel Kant e Paulo Freire. 2018. 62f. Monografia (Graduação em filosofia) – Faculdade Vicentina, Curitiba, 2018.

ROUSSEAU, J. J.. **Emílio, ou, Da educação**. Tradução, introdução e notas de Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017. 559 p.

VONZUBEN, A. M. Fundamentos e extensão da teoria ética de Kant. In: BALSAN, L.; MARMILICZ, A. (Org.). **Ética e Misericórdia**. Curitiba: Ed. Do autor, 2016. p. 97-157.

WOOD, A. **Kant**. Tradução de Delamar José Volpato Dutra. Porto Alegre: Artmed, 2008. 232 p.